

I'm Not A Juvenile Delinquent

—a propósito de FoFo de Ana Rita Teodoro
por Ana Bigotte Vieira

No, no, no, no, no, no, no, no,

No, no, no, no, no, no, no, no,

No, no, no, I'm not a juvenile delinquent

(...)

Do the thing that's right

You do nothing wrong

Life will be so nice

Be in paradise

I know...ow...ow...ow

because I'm not a juvenile delinquent

(...)

It's easy to be good

It's hard to be bad

Stay out of trouble

And you'll be glad

Take this tip from me

And you will see

How happy you will be.

(...)

Frankie Lymon & The Teenagers,

I'm Not A Juvenile Delinquent (1957)

No, no, no, I'm Not A Juvenile Delinquent canta, em 1957, Frankie Lymon & The Teenagers, a primeira *teenage band* da história. O vídeo merece ser visto, pois a canção é muito bonita — mas basicamente o cantor, negro, muito jovem, dá conselhos a outros jovens negros, retirando a sua suposta autoridade do facto de não ser — absolutamente — um delincente juvenil, coisa que afiança a plenos pulmões, num tom muito suave, bem disposto.

Esta afirmação — *No, no, no, I'm Not A Juvenile Delinquent* — e toda a letra não pode senão fazer-nos sorrir assombrados pelo negativo do que enuncia: é que não apenas dá conta de uma estigmatização racial com base na idade — **'os jovens negros são delinquentes'** — como apresenta um sistema de expectativas que se percebe estar em falência. A vida futura do jovem a quem a música se destina não apenas não se apresenta como um paraíso, como a suposta felicidade que o cantor (não delincente, mas viciado em heroína desde os 15 anos) promete se vislumbra ela mesma muito frágil — o que põe a nu o *horizonte de expectativas* daqueles sujeitos, deixando entrever o seu *espaço de experiência*, para usarmos duas categorias propostas pelo historiador Koselleck que procurava entender o passado nos termos de quem o viveu. Ou, por outras palavras, esta canção deixa vislumbrar o presente vivido pelo entendimento de futuro que dá a ver. E, de facto, em 1957 o movimento dos Civil Rights estava mesmo a começar — e com ele uma longa (e ainda hoje por resolver) contenda em torno da imagem e do papel dos negros na sociedade, o que determinaria o futuro de cada jovem negro, aqui augurado à delinquência.

Do mesmo modo, *FoFo*, de Ana Rita Teodoro, ao ter como ponto de partida o potencial político e estético do *fofinho* (em português) ou do *cute* (em inglês) e procurando entender a estética japonesa *kawaii* enquanto *modo de vida* e não apenas como fenómeno de consumo (que também é), dá a ver um presente adolescente descontente com um futuro a vir, abrindo espaço para uma crítica estética do presente e dando lugar a outras

imaginações de futuro. Assim, levando a sério a forma como raparigas e rapazes idealizam modos “tranquilizadores mas vulneráveis, frágeis e adoráveis de existência, tipicamente feminizados, redondos e cheios de cores, escolhendo vestir-se, comer — existir em suma (!) — de forma não normativa” e esforçando-se por isso, *FoFo* insere-se numa tradição dramaturgica com raízes muito antigas, que é a dos dramas adolescentes (de que *Romeu e Julieta* será um dos principais exemplos), espectáculos (mesmo que não dramas no sentido mais comum do termo) que dão a ver a complexidade da fronteira entre o mundo infantil e o mundo adulto tal como este se apresenta. Por isso Teodoro e a sua equipa, que primeiro se ocuparam em seguir figuras que nas redes sociais se constituíram como *influencers* por terem assumido um modo de vida *kawaii* (redesenhando assim o seu futuro), de seguida se concentraram no cinema de Larry Clark e Harmony Korine¹. Se nas primeiras, optando pela infantilização como modo de vida, está em causa um retrocesso, nos filmes dos segundos há um adiar do futuro pela intensificação incomensurável do presente. Estratégias distintas para contextos distintos, interessaria reflectir como procurámos fazer para *I'm Not A Juvenile Delinquent* de Frankie Lymon o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativas* que *FoFo*, com os seus corpos “macios, maleáveis, resistentes à violência, saborosos e entusiasmados” mas de “baixa intensidade” dá a ver, tendo presente que é uma peça constituída por “um conjunto de danças sem futuro, concretudes soltas ao acaso, mudanças de projecto, processos de “monstrificação” e constatações “sensuais” (sensuais e sexuais)”². Ou, por outras palavras, interessaria pensar o que estes adjectivos nos dizem sobre o presente e o futuro que parece ter no horizonte, para com isso os desenhar outros.

1. *Kids* (1995) de Larry Clark e Harmony Korine;
Gummo (1997) de Harmony Korine;
Ken Park (2002) de Larry Clark.
2. Ana Rita Teodoro no texto utilizado no dossier de apresentação do projecto, disponibilizado gentilmente pela autora.